

O SAGRADO NOS CABOCLINHOS DE GOIANA

Severino Vicente da Silva,

1

... a atividade de coordenação, que pressupõe o conhecimento do “momento favorável” em que convém fazer as coisas, foi, durante muito tempo, a função social específica dos sacerdotes.

Norbert Elias.

O texto acima fez-me recordar da primeira vez que participei da cerimônia conhecida como “Caçada do Bode”. É uma atividade religiosa celebrada na madrugada do domingo de carnaval, uma preparação das tribos de índios e caboclinhosⁱ, especialmente na cidade de Goiana, Zona da Mata Norte de Pernambuco, situada a 60 quilômetros da capital.

Os caboclinhos são uma manifestação da criatividade das camadas mais pobres daquela região, a primeira a ser tocada pela ação dos europeus em expansão no século XVI. O maestro Guerra Peixe seus estudos sobre estudos sobre as manifestações populares que ele conheceu quando viveu no Recife, dizia ser a dança dos caboclinhos uma das mais simpáticas. Dança de passos rápidos, acompanhando os ritmos marcados pelo caracaxá, pelo tambor e pela gaita. Costuma-se dizer que a dança dos caboclinhos tem sua origem nas ações catequéticas dos padres jesuítas, ou seria a encenação de uma batalhaⁱⁱ. Comentário do padre Fernão Cardin, menciona a existência dessa dança em 1589.ⁱⁱⁱ Creio que pode ter sido assim, mas os mais antigos grupos que autodenominam de Caboclinhos afirmam ser do final do século XIX e início do século XX, como é o caso da Tribo Caeté de, a mais antiga da cidade de Goiana e que aponta 1907 como o ano de sua fundação em seus estandartes.

Nosso objetivo neste texto não é debater sobre as origens, dessa dança dos índios, nem mesmo sobre o momento inicial da aparição dos caboclinhos nas brincadeiras dos carnavais em Pernambuco, nosso principal interesse é conversar sobre o tempo sagrado preparatório para as batalhas carnavalescas. Contudo também é interessante esse debate sobre o nascimento do caboclinhos, pois ao escolher uma cronologia, explicita-se uma visão da história, uma interpretação, uma refundação do tempo, dos povos. Ora, ao ficarmos com os que dizem ser o caboclinho um dos resultados da ação pedagógica dos padres jesuítas no início da colonização portuguesa^{iv}, estaremos acentuando que as manifestações culturais que temos hoje existem por conta da ação dominante dos europeus e, ainda que inconsciente, afirmamos a negação da criatividade das populações brasileiras desde que os europeus colonizadores foram saídos desta terra. Mas, se observamos com mais atenção, e sem negar a influência recebida dos povos europeus que estiveram nos primeiros duzentos anos na liderança do processo colonial, veremos que o que podemos afirmar como cultura brasileira foi, predominantemente, criada a partir da penúltima década do século XIX, seja dizer, após a proclamação da Lei João Alfredo e da Proclamação da República.

No caso dos caboclinhos e de outras manifestações culturais só enxergamos a sua presença o período após a proclamação da República. A Tribo Caboclinho Canidé do Recife tem sua fundação em 1897, o mesmo cocorrendo com o Tribo de Caboclinhos Carijós. A Tribo de Caboclinhos Tapeguarases tem sua fundação em 1916; o Caboclo Tupy veio a público em 1933; a Tribo de Caboclinho Tabajaras desfilou pela primeira vez^{3m} 1956; e a Tribo de Caboclinhos Tapirapés é de 1957.

Antes que o carnaval tivesse se tornado o evento cultural e turístico que hoje é, em Goiana, os Caboclinhos eram poucos^v: Caetés (1904), Canidé de Goyana(1971), Índio Tabajara (1975), Tupynabá (1989), União Sete Flexa de Goiana (1991), Tapuia Canidé de Goiana(2002), Carijó (2007), Itaquara (2008),Potiguares (2008) Caripós (2009); os caboclinhos eram interesses dos pesquisadores, alegria dos brincantes; agora, entretanto, eles são apresentados como símbolo de uma localidade, um monumento da pertença local, algo específico da cultura e tradições locais. A cidade denomina-se como Goiana dos Caboclinhos. Isso pode indicar que as relações entre a sociedade estabelecida e essas tribos

sempre ocorreu um clima de amizade. Mas os Caboclinhos, hoje símbolos de Goiana, vivem na periferia geográfica, econômica e social da cidade.

Quando as tribos de caboclinhos saem para desfilar na cidade saem com Porta-estandarte, que carrega o estandarte onde estão bordados os nomes da tribo, sua fundação, o desenho do símbolo da tribo; o Guia e o Contra-guia, que são os puxadores dos cordões; os Perós ou curumins; o Rei, também chamado de Cacique, e a Rainha, também dita Cacica; os Caboclinhos que formam em dois cordões, o Pajé e também os caçadores, reconhecíveis por portarem animais empalhados.

Até os anos quarenta do século passado, os caboclinhos eram formados apenas por homens, com exceção da Rainha, e desde então vem crescendo o número de índias e caboclas nos desfiles. Acompanhando mais de perto a apresentação das tribos no carnaval, pode ser observado que há uma atenção especial ao Pajé que ocupa um largo espaço após o Cacique e a Cacica. Sua indumentária levou-me às danças de Toré que havia acompanhada nos terreiros da Tribo dos Xucuru, em Pesqueira, no Agreste pernambucano. Quis saber mais da função daquela figura no cortejo. Então aprendi que havia uma cerimônia realizada na madrugada do domingo de carnaval. Ofereci-me a participar. Aceito oferecimento, entrei em contato direto com um mundo de fé e crenças.

Foi no início da madrugada de um domingo de carnaval que cheguei à Nova Goiana, bairro periférico da cidade de Goiana e de ocupação recente, resultado da expansão do canavial que vem acontecendo desde que iniciado o Programa Nacional do Álcool e do programa de produção de biodiesel, que vem produzindo uma urbanização estranha na região^{vi}. Goiana está situada na Zona da Mata Norte de Pernambuco, cerca de 60 quilômetros ao norte do Recife, foi, durante o período do Império português na América, sede da Capitania de Itamaracá, anexada definitivamente à Pernambuco no final do século XVIII.

Nova Goiana, bairro que se formou a partir dos anos oitenta do século XX, parece possuir a maior concentração das tribos de caboclinhos. Lá vivem os Canidé, os Tapuia Canidé, o Índio Tabajara, Caboclinhos Carijós e o Sete Flexa de Goiana.

Ao final da primeira década do século XXI fui à sede da Tribo de Caboclinho União Sete Flexas de Goiana, para participar de um Ritual, a Caçada do

Bode, que aquela tribo realiza cada madrugada do domingo de carnaval. A tribo Caboclinho União Sete Flexa é liderada pelo cacique Mestre Nelson Ferreira, popularmente conhecido como Ferreirinha, mas respeitado como Mestre Nelson.

O Mestre Nelson não nasceu em Goiana, mas em Água Preta na Região da Mata Sul, também conhecida como Mata Úmida, em 1949, onde, segundo me informou, jamais havido ouvido falar em índios ou caboclinho^{vii}. Cresceu como morador de um engenho, o que o levou, ainda no que se diz pré-adolescência, ao corte da cana. Dalí saiu quando sua família foi desalojada pela expansão da moderna indústria canavieira e então viu-se morando no Recife, capital de Pernambuco. Continuou a migração para o norte, estabeleceu-se em Goiana, cortando cana para a Usina Santa Tereza. Na cidade de Goiana manteve contato com o carnaval local e foi atraído pelo desfile do Caboclinho Caetés de Goiana, passando a freqüentar os ensaios onde, além de aprender os ritmos e passos das diversas danças, conheceu a moça que veio a ser sua esposa, irmã de Mestre Pedro, líder do Caetés. Brincou como caboclinho no Caetés durante doze anos. Foi um período de aprendizagem e, talvez por questão de liderança, resolveu sair da Tribo Caetés de Goiana e criar a sua própria tribo, nomeando-a como Caboclinhos União Sete Flexas de Goiana no ano de 1991.

Conhecedor de muitos segredos, o Mestre Nelson é analfabeto, como a maioria dos cortadores de cana de sua idade, pois eles cresceram em cidades sem escolas para crianças e muita cana para corte, e desde cedo os meninos acompanhavam os pais na realização da tarefa. Ouvir com atenção o que dizem os cabos das usinas e os mestres do brinquedo são cuidados de quem não quer problema no trabalho e deseja assumir liderança em um universo ágrafo. Ouvir e aprender vendo e fazendo, assim foi o tempo de Nelson Ferreira como caboclinho na Tribo Caetés de Goiana. Foi sua dedicação aos ensinamentos de seu cunhado e de sua esposa que lhe deram a segurança de organizar “uma tribi, uma nação”. Essas tribos estão espalhadas na região geográfica no bairro Nova Goiana, como que mantendo as mesmas relações geográfica que essas tribos teriam ocupado no período anterior à presença europeia. É o que nos dá conta a fala de Jucedita Ribeiro dos Santos, que mantém um terreiro em sua sala e é organizadora do Índio Tabajara:

... “porque os índio(**Tabajara**) era quem habitava aqui, de Jacumim a Goiana, era duas tribo, Ponta de Pedra habitava tribo de caboclo, que fez, deu o nome de Caeté. E a fronteira de João Pessoa era os Canidé, justamente é o de Seu Antônio. O índio ficava entre eles dois, de Jacumim a Goiana, então o certo era pra ser terra dos índio, mas como aqui só tem uma tribo e é a minha, que eu morro e nunca acabo, aí, botarão o nome de Goiana de “terra dos caboclinho”, porque os caboclinho eles já são... quero dizer assim, eles já são “filhote” dos índio.

Como se vê, os Índios Tabajara chamam para si a origem da tradição e que entende serem o caboclinhos “filhotes dos índios”, e o mesmo se diga em relação às tradições religiosas. Nesse mundo em que os *índios e os espíritos* estão em contato quase direto com os homens e mulheres é que vivem os caboclinhos. A religiosidade nos caboclinhos, ou seja, parece ser a prática da religião em que índios e caboclos estão a conversar com os viventes.

Cheguei à casa do Mestre Nelson pouco depois das duas horas da madrugada do domingo de carnaval do ano 2009. Fui carregando a minha ignorância e quase fiquei ansioso pelo início da Caçada do Bode. Conversei com o Mestre enquanto ele me apresentava as fantasias que parecia preocupado pois ainda faltava complemento em algumas delas. Naquele momento havia na casa/sede do Sete Flexa de Goiana, além do mestre, apenas duas outras pessoas, a pessoa que me acompanhava e a esposa do Mestre. O tempo foi passando e às três horas já havia dez pessoas, em sua maioria rapazes de até 19 anos. Eles entravam e saíam da casa do mestre, a sede da Tribo. Dois dos rapazes pegaram a gaita ou flauta, e um bombo. Ficaram na calçada da sede. Outros se aproximaram e ficaram a conversar em voz baixa. O tempo passava minha ansiedade aumentava. Às três e meia da manhã, apareceram jovens com gaita e maracá. Foram fazer um som, mas o mestre olhou para eles e fez-se silêncio. Já se aproximava a hora quarta quando ouvi berros de bodes. Saíam da casa três bodes. Eu havia estado no interior da casa e não havia percebido os animais.

A frente da sede estava, agora, tomada por mais de vinte pessoas que surgiam na penumbra da madrugada. Logo eram quase cinquenta. O Mestre agora

se apresentava com um cajado em forma de flecha, com o tamanho em torno de um metro, e olhava para o firmamento que ainda estava escuro. Perguntou por algumas pessoas e quando ele entrou na casa os instrumentos começaram a aquecer com a pancada das baquetas no tambor, o movimento das maracás, caracaxás e a gaita iniciavam os ritmos para a caminhada. Foram muitos minutos de aquecimento enquanto as portas das casas vizinhas eram abertas, dela saíam pessoas, a comunidade que vinha viesse assistir o início da caçada do bode. O barulho que fazia a comunidade acordar mais cedo não parecia importunar a ninguém.

Mas voltemos aos bodes que estavam presos e seguros, berrando nervosos. Ora, caprinos não são animais autóctones do Brasil, eles devem ter chegado já no início da colonização, vindos no norte de Portugal^{viii} e, portanto, eles não foram objetos da caça dos Caeté, Tabajara e outras tribos que viviam naquela região. Na verdade, nessa região a caça indígena era principalmente a capivara, o veado, as cotias e outros animais, a fauna local foi desaparecida à medida que foi crescendo a exploração da mata nativa e a sua substituição pelo cultivo da cana de açúcar, mais especialmente no final do século XIX com a substituição dos engenhos de banguê pelos engenhos centrais e, posteriormente pelas usinas.

Com a destruição da mata nativa, para dar lugar à plantações, engenhos, além do comércio do pau-brasil ocorreu também a destruição da fauna local. Parece que na lembrança da tribo dos caboclinhos, ao irem para a guerra, a tribo teria que fazer uma preparação anterior, com a coleta extra de alimentos a serem consumidos pelos guerreiros. Ao acompanharmos a essa “caçada do bode”, o animal que substitui a antiga caça, nós pudemos perceber que ali, também, existe a profundas relações com as coisas divinas, os espíritos que podem proteger ou perseguir a tribo em suas batalhas.

O bode ou cabrito está presente em muitas das religiões pré-cristãs, conforme está relatado no livro do Gênesis capítulo 22, quando Abraão se dispõe a sacrificar seu filho como prova de amizade com Javé e este, envia um anjo que põe uma ovelha para substituir Isaac que seria sacrificado a Javé. Animais estão presentes em outras religiões e são sacrificados para gáudio dos deuses, proteção dos humanos ou pagamento pela proteção e favores recebidos.

Aprendi com Grismário, líder do Caboclinhos Tupynabá, também de Goiana, que mesmo que a sua tribo não faça sacrifício de animal, há que de ter o mel e frutas em louvação aos espíritos antes de sair para o carnaval.^{ix}

Mas não são apenas as tribos de Caboclinhos que realizam a caçada do bode, também a Tribo Índio Tabajara, liderada por Neilton Santos a faz: “(o índio) É o único, é único, que faz essa caçada. È o único. (...) É na mata. É na mata, não é um passeio com o bicho pela cidade. Eu vou fazer meu ritual na mata.”^x

Neilton Joaquim do Carmo, fundador do Índio Tabajara, diz que os caboclinhos gostam muito de mel, por isso eles andam com uma cabaça que deve estar cheinha de mel.

Enquanto aguardávamos o momento de sairmos à caça, um dos rapazes contou-me que, não faz muito tempo, o bode ficava amarrado no meio do mato e a tribo se dirigia para lá, hoje, porém, os animais vão sendo puxados à frente da tribo que lhe corre ao encalço. Como dissemos acima, desde final do século passado dois fenômenos ocorreram para que nos dias atuais assim se proceda, e não mais se vai em busca do alimento na mata, faz-se uma representação desse ato: um deles é a “falta de respeito”, pois algumas pessoas começaram a roubar os bodes que eram postos na mata, e como as tribos não são ricas, ter um bode roubado é um prejuízo grande para ao pouco orçamento da tribo. Noutro ambiente, Neilton, o Índio Tabajara^{xi} me explicou que o bode é um animal que não à noite, assim, se ele é posto em um local, mesmo que sem amarras, ele ficará naquele local até que o sol volte a brilhar, mas antes disso, a tribo chega e encontra a sua caça, o animal que alimentará a tribo. O outro fenômeno que modificou a maneira de se fazer a caçada do bode é de teor mais ecológico, e está ligado à expansão do canavial que nos últimos anos fez diminuir as matas ou locais onde os bodes podiam ser postos para serem caçados ritualmente. É importante que se recorde que, desde os anos setenta tem havido uma expansão do canavial na região, primeiro insuflado pelo PROÁLCOOL^{xii}, programa de produção do etanol durante o período ditatorial para escapar da crise do petróleo ocorrida em 1973; e, mais recentemente, o Programa de Biodiesel do governo do presidente Luiz Inácio da Silva^{xiii}, concedeu e ampliou o incentivo aos usineiros e fornecedores de cana da região e esses incentivos têm

feito crescer a área de plantio da cana de açúcar, diminuindo as matas e, conseqüentemente os espaços para a realização do ritual da “caça ao bode”.

Finalmente, quando o sol começava a dar sinais de que viria logo, o Mestre Nelson se pôs à frente do grupo que formou duas filas e colocou uma jovem índia/mestiça segurando três bodes à frente de todos e a marcha teve início. A jovem era a Cacica do Caboclinho União Sete flexa, pessoa iniciada no culto da Jurema Sagrada, sacerdotisa que orienta a caminhada. As filas organizadas lembram a formação para o desfile Alguns estavam com vestuário semelhante aos desfiles, mas a maior parte vestia calção e camisa. Nem todos estavam calçados. Quase todos carregavam as preacas (Instrumento de percussão, sendo um arco e flecha, sendo esta presa que quando solta após ser puxada produz um estalido seco, marcando o ritmo). O passo era rápido e, talvez devido ao escuro que se fazia, não percebi que estávamos saindo de Nova Goiana e atravessamos a rodovia PE 72 para alcançar uma encruzilhada, sem asfalto, onde a tribo parou e Cacique/Pajé deitou-se sobre a terra por algum tempo e sacando de uma cabaça, derramou seu conteúdo vermelho, sangue tirado de um animal que havia sido sacrificado para este fim, no solo, fez alguns desenhos, gritou frases que foram repetidas por toda a tribo, e eram frases que anunciavam a passagem da União Sete Flexa de Goiana. Em seguida deu um apito e a caçada retomou em passos cada vez mais aligeirados, ao som da gaita, do tambor e do tarol.

A tribo avançou sobre a cidade, tomava as ruas com a sonoridade e as portas se abriam, da janela alguns assistiam a passagem da tribo, outros vinham até a rua. Mas em nenhum momento a tribo se dispôs a avançar para o centro urbano, realizando a Caçada do Bode, nos espaços dos bairros mais próximos de Nova Goiana. O sol já pontificava no firmamento quando voltamos a correr no espaço de Nova Goiana e chegamos em uma casa de onde estava saindo uma tribo. Quase todas as tribos se dirigem para aquele terreiro da Jurema Sagrada.

Com os bodes firmemente seguros pela índia, a tribo entrou orgulhosa no salão e o anfitrião, um sacerdote, recebeu os animais e os levou para distante de nossos olhos, seguindo por uma porta lateral. Enquanto isso a tribo continuava a dançar alegremente um baião tocado na gaita. Ao apito do mestre, todos pararam e sentaram-se no chão do salão. Algumas canções sagradas foram entoadas e,

simultaneamente, uma garrafa de Jurema Sagrada ia passando em um gole coletivo; em seguida o mestre veio com uma garrafa de mel e derramou uma pequena quantidade na mão de cada pessoa que estava no salão. Uma das jovens que participava da caçada foi tomada por um espírito que foi bastante aplaudido pelos presentes. O sacerdote veio do interior da casa e abraçou o visitante que passou a jogar confeitos sobre os presentes. Em seguida foi embora. Os instrumentos voltaram a tocar e a dança retomou seu lugar, mas agora todos seguiam o Mestre/cacique que saiu da tenda religiosa e a tribo tomou o caminho para a sua sede, onde chegamos às sete e trinta da manhã. A caçada havia durado três horas.

A experiência de acompanhar uma caçada em pleno alvorecer foi bem interessante, excitante e provocou a necessidade de voltar a conversar sobre o aspecto da vivência espiritual dos caboclinhos, seja dizer das pessoas que, durante os três dias carnaval ocupam espaços nas cidades da região vestidos de índios, com músicas e danças que lhe são características. Então iniciei uma série de visitas às sedes das tribos e aprendi que as sedes são as suas residências. Em quase todas encontrei um pequeno altar, um peji. Neles são encontrados estátuas, símbolos das diversas religiões professadas na região. Ao lado de uma estátua de São Lázaro pode ser vista uma imagem do Zé Pilintra; uma representação de uma Pomba Gira pode estar próxima a uma de Iemanjá ou de Caboclo, Índio ou Preto Velho. A diversidade das presenças é tão grande quanto a quantidade. Dá a sensação de que não se quer esquecer ninguém, nenhuma entidade, nenhum espírito. A pobreza econômica das pessoas e da comunidade não impede que o Santo, o Espírito, o Caboclo, o Índio receba o que lhe é direito. Todos os dirigentes das tribos carregam a certeza de que “ninguém sai à rua de graça”, isto é cada um está na rua para cumprir alguma tarefa e tem que está em boas relações com os espíritos. Vejamos um depoimento de Neilton:

Ele(**o caboclo**) chega, fala pra todo mundo, aí diz por onde é o caminho, a gente é quem guia. Lá quando a gente tá ensaiando ela (**a mãe de santo Jucedite**) faz o ritual dela lá, bota os caboclo, bota as erva lá, bota fruta, bota pudim, bota, assim, acende uma velinha, bota um melzinho...(.....) ... aliás, isso aí é pra todos os caboclo, maracatu, índio, caboclinho... isso era pra preservar, porque isso daí vem do Toré, todo mundo sabe

disso.(como se pode entender, a relação com o espiritual é para todos os brinquedos da região.) Agora tem muitos que, eu tenho pra mim assim, na minha visão, eu tenho pra mim, que muitos leva pau lá fora, esses negócio assim, devido a isso. Porque muitos não acreditam. Não acreditem, mas também não maltratem! Tem gente que chama aqueles nome brabo, “isso não vale nada”. Pronto olha aí! Mas caboclo tão de olho, nasce daí, entendeu?! Num é que a gente vá: “Não, aqui o caboclo para.” (...). Agora de uma forma traduzida, porque se mexer com a coisa... porque você quer proteção daquilo ali, se você pedir, você pedir essa máquina aqui, você pedir com fé, você alcança a graça. Mas se maltratar você leva castigo, leva cada cipoadá com sabugo que num vê de onde foi que veio e nem quem tá dando. Eu já passei por isso! Eu tento, tento... eu já passei por isso! Depois eu reconheci, eu vi onde foi que eu errei, cumpro com meu dever, mas antes levei lapada!

Entendemos que há uma relação de compromissos entre a entidade e o homem, um acordo que é feito quase diariamente e que deve ser cumprido sob o risco de haver o recebimento de castigo. O aprendizado é um processo doloroso, que leva à obediência e ao respeito.

Há pois a compreensão da existência de um compromisso que deve ser cumprido para que a ordem no universo seja mantida e um dos meios de expressão dessa complementariedade é que o fumo está sempre presente. Assim, o cachimbo, o fumo, a fumaça são de enorme importância no mundo religioso. Como disse um mestre juremeiro, “a fumaça dialoga com o universo”^{xiv}, e ela parece ser mais necessária que o incenso em alguns rituais católicos^{xv}, que também procura visualizar a ideia de que fumaça do incenso leva os louvores dos fiéis até o Divino. Contudo, mais que o turíbulo, o cachimbo está presente nos rituais juremeiros e mas em todos os movimentos da Jurema.

Embora seja crescente a presença da Umbanda e do Candomblé na região da Mata Norte, o que pode ser observado em todas as tribos de caboclinhos é a sua ligação com a Jurema e com o catolicismo. A Jurema dialoga com os Orixá e

mantém a sua relação tradicional com os rituais católicos. No culto da Jurema as comunicações entre os caboclos e os juremeiros são realizadas em idioma comum, nativo, carregado de expressões idiomáticas mas de fácil entendimento. Em Nova Goiana são várias casas de Jurema, onde os grupos socializam-se, trocam informações e cultuam os espíritos e as entidades. Observa-se que os membros de uma tribo de caboclinho não são obrigados a frequentar os mesmo terreiro, casa ou tenda. Embora cada um tenha uma escolha pessoal, ou foi escolhido por uma “mãe” ou “pai” de cabeça, é bastante comum verificar a frequência a casas além das de seu ‘pai” ou m”mãe”. Mas na madrugada preparatória da Caçada do Bode, todos seguem o seu Cacique para o Terreiro que recebe as oferendas e faz o sacrifício.

A dança nos terreiros de Jurema sempre é em roda. Sim, dança-se em roda como nos Torés e nas casas de Candomblé, e a roda fica aberta e cada um pode entrar e sair quando tiver vontade. E foi nessa disposição de receber e de ficar à vontade que acompanhei em 2010 a caçada do bode realizada pela tribo Canidé.

A Tribo de Caboclinhos Canidé foi fundada por seu Antonio Galdino da Silva, morto em 2009 com 72 anos de idade. A tribo continua saindo sob o comando das duas filhas de seu Antonio, Denize e Severina. Na Caçada do Bode de 2010 pude verificar que a morte do patriarca provocou uma queda na organização do Caboclinho, mas a fé na ação dos caboclos protetores mantinha a família e o grupo animado. Durante toda a noite dez rapazes davam acabamento às fantasias daquele ano enquanto esperavam o momento da saída, que ocorreu por volta das cinco horas da manhã. No barracão onde passamos a noite vi que detrás de um móvel, que foi retirado, estava um Peji. Começou-se a tocar, dançar e cantar. O animal foi trazido e formando em duas linhas, começamos a andar na periferia do bairro Nova Goiana, mas sempre na parte mais próxima à mata e ao canal. Foi uma caminhada de uma hora e retornamos ao barracão onde se dançou e cantou-se versos de Juremas por cerca de uma hora, ocorrendo várias manifestações. A Tribo Canidé de Goiana naquele ano não seguiu em conjunto até a casa de sua Mãe, a oferta foi levada posteriormente.

Em todos os casos, ou seja em todas as tribos, os animais são sacrificados e consumidos coletivamente após o carnaval, em uma grande celebração de vitória, pois as apresentações ocorridas em cidades ou em bairros, independente de

premiação em concursos^{xvi}. O banquete após a grande guerra dos dias carnavalescos é um momento de louvação e de fortalecimento dos membros da tribo, nos diz o Mestre Pedro da Tribo de Caboclinhos Caetés de Goiana.

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. *Folgedos e Danças de Pernambuco*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1989.

CARDIN, Fernão. *Tratado da terra e gentes do Brasil*. Coleção Brasileira, volume 168. São Paulo, Rio, Recife, Porto Alegre. 1939.
<http://www.brasiliana.com.br/obras/tratados-da-terra-e-gente-do-brasil/pagina/3/texto>

<http://www.mme.gov.br/programas/biodiesel>

João Suassuna, caprinos uma pecuária necessário no semi-árido nordestino.
<http://www.fundaj.gov.br/docs/tropico/desat/cabra.html>

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. *Tradições & traduções: a cultura imaterial em Pernambuco*, (organizadora), Recife: Editora Universitária/UFPE, 2008.

GRABOIS, JOSÉ. *Que urbano é esse?* Recife: Editora Universitária, 1996.

SANTOS, Climério de Oliveira. Cabocolinhos em Pernambuco in *Tradições & traduções: a cultura imaterial em Pernambuco*, Isabel Cristina Martins Guillen (organizadora), Recife: Editora Universitária/UFPE, 2008.

http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=587&Itemid=1 , em 4 de abril de 12.

ⁱ Climério de Oliveira Santos, prefere chamar essa manifestação de “Cabocolinhos”, conforme está explicitado em Cabocolinhos em Pernambuco in *Tradições & traduções: a cultura imaterial em*

Pernambuco, Isabel Cristina Martins Guillen (organizadora), Editora Universitária/UFPE, Recife, 2008.

[149]

ⁱⁱ Assim está em <http://www.olinda.com.br/carnaval/caboclo.html> visitado em 10/02/2012

ⁱⁱⁱ Fernão Cardin Terra e Gente do Brasil

^{iv} Caso de Roberto Benjamin em *Folgedos e Danças de Pernambuco*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1989. p 38

13

^v Tem aumentado o número de Tribos de Caboclinhos, especialmente por conta do apoio às manifestações culturais populares ocorrido na gestão de Gilberto Gil no Ministério da Cultura. O reconhecimento da cultura gerada nos ambientes populares como parte integrante e fundamental da cultura brasileira através dos Pontos de Cultura, foi o mais importante momento da vida de muitas comunidades que puderam manter e ou recuperar aspectos de sua memória. Em Goiana, Pernambuco, as tribos são: Caetés (1904), Canidé de Goiana(1971), Índio Tabajara (1975), Tupynabá (1989), União Sete Flexa de Goiana (1991), Tapuia Canidé de Goiana(2002), Carijó (), Itaquara (2008),Potiguares (2008) Caripós (2009)

^{vi} GRABOIS, JOSÉ. *Que urbano é esse?*

^{vii} Entrevista concedida em sala da Secretaria de Turismo de Goiana, em 2008.

^{viii} João Suassuna, caprinos uma pecuária necessário no semi-árido nordestino.

<http://www.fundaj.gov.br/docs/tropico/desat/cabra.html> consultado em 27/01/2012.

^{ix} Entrevista concedida por Grismário Mendonça da Silva

^x Entrevista concedida a Severino Vicente da Silva no dia 8 de maio de 2008.

^{xi} O Índio Tabajara é o artesão Neilton que, desde 1969 sai com seu grupo de Índios, Bi Campeão no desfile de carnaval do Recife em 2011. O Índio Tabajara ainda põe os bodes no mato e sua caçada vai até o local, mantendo essa tradição.

^{xii} O Programa Nacional do Álcool ou *Proálcool* foi criado em 14 de novembro de 1975 pelo decreto nº 76.593, com o objetivo de estimular a produção do álcool, visando o atendimento das necessidades do mercado interno e externo e da política de combustíveis automotivos.

^{xiii} O Programa de Biodiesel foi criado por decreto em julho de 2003.

<http://www.mme.gov.br/programas/biodiesel>

^{xiv} Expressão que foi dita por Alexandre L’Omi L’odô, em mesa redonda sobre a Religiosidade nos Brinquedos da Mata Norte, no Festival Pernambuco Nação Cultural, março de 2012, na Universidade de Pernambuco, campus Nazaré da Mata.

^{xv} O incenso, nos rituais católicos pode ser queimado em qualquer missa, mas tem sido utilizado apenas nas missas solenes, nas cerimônias de adoração ao Santíssimo Sacramento, nas solenidades da Semana Santa e na bênção dos elementos no Ritual da Páscoa.

^{xvi} Importante ressaltar que apenas a cidade do Recife é que promove concursos com premiação para as agremiações, os demais municípios pagam a apresentação e entregam um troféu de participação a cada Tribo de Caboclinhos que se apresente.